

A carta da nossa colega internista desperta de imediato um forte sentimento de empatia. Reconheço-me em várias das decepções que aponta, o grande esforço laboral, o fraco reconhecimento desse trabalho, as injustiças curriculares, uma certa depreciação da especialidade, um certo desinteresse pela nossa acção humanitária...

Contudo, a Medicina do doente individual e uno a excelência no diagnóstico que integra toda a equação da pessoa, a orientação nos problemas complexos da terapêutica e a defesa contra as visões muito parcelares não podem deixar de pertencer ao internista. Assim, a especialidade não está a morrer, estará, no máximo, a atravessar uma crise.

Os doentes precisam de nós e não podemos deixar de cuidar dos cancerosos terminais, dos AVCs que a Neurologia não absorve, dos acamados com úlceras de pressão, dos renais que aguardam a construção de acesso vascular e não têm lugar na Nefrologia. O tratamento problemático, moroso, intrincado, faz parte dos nossos deveres.

Mantemo-nos do lado dos doentes, citando a carta.

Compreendo a frustração da colega, dezoito anos a exercer uma actividade tão difícil. Mas, em tudo o que escreve leio o espírito da verdadeira Medicina Interna e entendo que, ao resignar da qualidade de membro da SPMI, esta médica que se sente cansada e desiludida não declina o seu estatuto de internista de qualidade. Sê-lo-á sempre, ainda que enverede por outros caminhos. Ela própria nos diz que será médica de quem estiver doente e precisar de si.

Eis uma bela definição de Medicina Interna!

A. de Oliveira Soares